

“Os diferentes *sentidos* da Capoeira”

FIEB - EEFMT “Maria Theodora Pedreira de Freitas”

Prof. Ronaldo dos Reis

O início das aulas na unidade se deu a partir da substituição a professora em licença gestante, onde ao assumir as aulas me foi entregue o plano de trabalho docente do ano/2008, idealizado entre os professores no início do período letivo, mesmo tendo conhecimento da forte representação esportiva presente nas aulas de Educação Física ministradas constatada a partir da observação às aulas dos demais professores da escola foi possível com o apoio da coordenação de área desenvolver aulas que permeassem uma perspectiva cultural, onde com base nos objetivos gerais propostos pelos professores, temáticas relacionadas a gênero e influencia da mídia no cotidiano esportivo se faziam presente visto que no trimestre anterior foi desenvolvido um projeto sobre os jogos olímpicos.

A Unidade Escolar está localizada em Alphaville, distrito do município de Barueri/SP, onde em relação às demais escolas do município se encontra uma realidade diferente, visto que esta é administrada pela FIEB – Fundação Instituto de Educação de Barueri, uma autarquia, sendo considerada pelo MEC em 2007 uma das melhores escolas do país. Na região de Barueri, encontramos uma representação esportiva muito forte visto que o time de futebol da cidade, o Grêmio Recreativo Barueri (conhecido como GRB) tem se destacado nas competições que tem disputado nos últimos anos, o clube tem investido em escolas de esportes com apoio da Prefeitura Municipal, onde o destaque nos jornais locais se dá pelos resultados conquistados em âmbito nacional pelas equipes de Futebol, Ginástica Artística, Rítmica e pelo desenvolvimento de um núcleo de detecção de talentos esportivos com o *slogan*, “GRB formando atletas cidadãos”. Os alunos são de diferentes regiões e dos municípios no entorno, portanto, além de Alphaville e Barueri, também frequentam a escola, moradores de Santana do Parnaíba, Osasco, Jandira, em alguns poucos casos, da capital do Estado.

Após uma análise da proposta elaborada pelos professores, considerei plausível verificar quais as representações que os alunos adquiriram durante os outros trimestres e durante sua escolarização em relação à Educação Física. As aulas com a turma (2º ano F – Técnico) se davam a partir de uma “dobradinha” no caso a 5ª e 6ª aula às terças-feiras. No primeiro encontro, foi sugerido que em grupos a turma elaborasse uma apresentação sobre suas representações da Educação Física as apresentações aconteceram na 6ª aula, onde aleatoriamente identificamos os grupos por G1, G2 e G3.

Como temática para apresentação foi escolhido pelos alunos para apresentação em seqüência; G1 – Esgrima; G2 – Kung fu – Sanchou¹ e G3 – Capoeira. Cada grupo apresentaria a temática elaborada por eles e por fim abriríamos para questionamentos e uma roda de conversa onde fosse possível identificar as representações que adquiriram durante sua escolarização na Educação Física. Começando as apresentações, o G1 sugeriu a prática de esgrima, como justificativa afirmaram que a escolha surgiu por que a professora teria pedido um trabalho sobre as modalidades dos jogos olímpicos no trimestre anterior e acabaram conhecendo e gostando, mas não conheciam locais para que pudessem praticar e também não sabiam informar muito sobre a modalidade, mas afirmaram que existiam diferentes “espadas” para a execução da mesma. Utilizou-se na apresentação, “bastões de ginástica”, o que levou o questionamento dos outros grupos em relação ao peso do material e o peso da “espada” da esgrima, o que por sinal o trabalho de pesquisa anterior realizado pelas alunas contribuiu para que essas apresentassem que cada categoria da esgrima era apresentada por um tipo diferente de “espada”, mas que não sabiam explicar os nomes. Quando foi aberto aos questionamentos, só mesmo a questão do peso das “espadas” foi abordada, aparecendo um comentário da turma que se fosse utilizado o mesmo tipo de material das meninas poderia causar lesões e não seria tão fácil quanto parece à primeira vista. Um dos alunos, Leonardo, comentou que existia uma modalidade de luta que se utilizavam espadas de madeira parecidas com os bastões utilizados pelas meninas. Perguntei se alguém conhecia ou sabia o nome, mas obtive respostas negativas sobre o assunto.

O G2 (Kung Fu – Sanchou) apresentou se a partir da apresentação das vivências do Leonardo que pratica a modalidade em uma academia de Barueri, então esse comentou que se tratava de uma das modalidades que foram se constituindo como estilos de Kung fu, tal como “garra de águia, tigre, entre outros” o Sanchou segundo ele, é uma espécie de vale tudo, onde pode se aplicar golpes utilizando as mão, os pés, o tronco a cabeça, se utiliza de golpes de impacto e de projeções. Ao demonstrar a modalidade o Leonardo e Vinícius simularam alguns golpes de ataque e contra-ataque, com algumas projeções o que caracterizavam a prática. No final da apresentação algumas questões relacionadas a modalidades surgiram e contribuíram com a discussão, exemplo claro foi em relação à questão da Bianca se realmente valeria tudo na luta e se

¹ Sanchou se trata de um estilo de Kung Fu, praticado com equipamentos de proteção devido a intensidade dos golpes utilizados. Socos, chutes, cotoveladas, joelhadas, golpes de projeções e finalizações permitidas em luta de solo.

existiam campeonatos como se davam as regras. Leonardo comentou que os campeonatos aconteciam de diferentes formas no Brasil e na China, mas que existiam campeonatos mundiais no chamado “templo do dragão” na China, onde o torneio seria aparentemente mais violento do que nos demais países. Algumas meninas questionaram também sobre a presença de feminina na prática do Sachou, visto que como aparentemente se tratar de uma modalidade de luta “agressiva” não atrairia o público feminino. Segundo Leonardo, “Na academia tem umas 04 meninas muito boas, que treinam a mais tempo que eu, vão até para campeonatos”,

Por fim o G3 apresentou a modalidade que o grupo havia preparado, disseram que a capoeira nasceu dos escravos e se tratava de um tipo de dança que se assemelhava a luta, que se utilizavam instrumentos musicais para fazer a roda que era onde aconteciam os “confrontos”. No início da apresentação comentei que tinha um pandeiro em minha bolsa e a Beatriz pediu para utilizá-lo, pois ela sabia tocar. Então começaram a realizar alguns movimentos no tatame. Os alunos estavam dispostos em volta do tatame em forma de círculo pra vivenciarmos o que segundo o grupo se tratava da característica principal da capoeira, a roda. No final algumas questões surgiram em relação às apresentações. Como por exemplo, as diferenças entre o custo do equipamento da esgrima e da capoeira, se aconteceriam na capoeira como no Sanchou, se existiam competições, Knock-out, lutas de contato. Quais os grupos sociais praticavam, como se dava a presença feminina e como será que a sociedade enxergava essas práticas, foi possível identificar o interesse pela turma para que estudássemos alguma das práticas de lutas abordadas, de maneira geral as modalidades apresentadas tratavam-se de práticas culturais, que poderiam influenciar grupos sociais de diferentes maneiras. Nossa proposta de aula seria encaminhada nesse direcionamento, onde tentaríamos identificar algumas das construções sobre as modalidades e suas legitimações em relação às aulas de Educação Física. Ficou definido que abordaríamos o assunto sobre lutas, o que deixou a sala aparentemente empolgada com a temática, comentário da Mariana, “até que enfim um professor que não vai ficar dando bola pra gente jogar e pedindo trabalho pra dar nota, por que precisa dar nota”, “passa ano e sai ano os professores só começam o ano com uma atividade diferente depois só passa futebol”, tem um monte de material na sala de Educação Física, poderíamos treinar boxe”, entre alguns comentários encontrados em minhas anotações. No começo de nossas atividades, eu perguntei sobre o que definiria as lutas o que seriam? Surgiram algumas possibilidades não aprofundadas. Tais como, o respeito, as regras, a rivalidade,

o combate, os pontos, o que fez com que eu questionasse como aconteciam à soma de pontos na capoeira. O Vitor disse que na capoeira os pontos não aconteciam por que a era dança, gerando alguns conflitos na sala e discussões em relação ao que era a capoeira. Então, foi sugerido pela turma que estudássemos a prática da capoeira. Alguns alunos disseram que não iam fazer capoeira por que não gostavam e que não ia ficar virando de ponta cabeça igual macaco. Procurei explicar um pouco mais sobre a proposta das aulas e de qual idéia de Educação Física estaria tratando em nossas aulas, onde a vivência corporal só seria uma ferramenta pra entendermos alguns referenciais que encontraríamos durante o período que durasse a temática. Um pequeno grupo sugeriu que estudássemos o Boxe, devido ao material encontrado na sala de Educação Física, luvas, manoplas, etc. Por fim sugeri que conversassem entre si e que na próxima semana viessem com a temática para iniciarmos as aulas (as aulas aconteciam apenas às terças-feiras, na 5ª e 6ª aulas como citado anteriormente).

Na semana seguinte, perguntei se a turma já teria definido a temática ou se era mais viável uma eleição aberta para escolhermos à temática mais adequada de forma mais democrática, o que não foi necessário, pois durante a semana conversaram sobre a aula e decidiram em estudar a capoeira por que acharam que seria mais interessante. Gustavo perguntou se não seria possível estudar o boxe junto com a capoeira. Respondi que talvez fosse possível, mas que em alguns momentos nos atrapalharíamos no percurso, que poderíamos depois da capoeira estudar a temática do boxe, mas poderíamos tentar estabelecer relações entre as duas práticas.

Como a capoeira foi à temática eleita, a partir de uma rápida votação sugerida para escolha efetiva da modalidade que começaríamos naquela aula, pontuei alguns temas que tentaríamos desvelar durante nossas aulas, entre eles, como será a participação feminina na capoeira e como a mídia e a sociedade enxergam a prática da capoeira, atrelados à proposta da disciplina no Plano de Trabalho Docente. Expliquei que as vivências corporais serviriam, mais para despertar a curiosidade do que, propriamente, para nos tornarmos praticantes de capoeira. Que não era necessário executarmos com perfeição os movimentos, como se sugere em outras modalidades esportivas, mesmo por que nem a própria prática da capoeira pede a perfeição nos movimentos, mas sim à inversão de determinadas lógicas propostas pela sociedade. Comentei sobre o processo histórico que se deu de sua origem até os dias atuais e coloquei os temas para que esses pesquisassem para que na próxima semana na roda de conversa desenvolvêssemos mais o assunto. Elaboramos então a seguinte seqüência de

estudo, visto que esses eram os tipos de capoeira mais conhecidos ou que surgiram na roda de conversa, Capoeira Regional, Capoeira Angola e Capoeira Contemporânea.

A partir das pesquisas na internet sobre a capoeira regional encontramos no material trazido pela turma algumas, as seqüências idealizadas pelo Mestre Bimba (idealizador da capoeira regional e maior nome da capoeira até os dias de hoje), a partir daí, perguntei se alguém o conhecia, como não tive resposta positiva, procurei saber se alguém conhecia algum movimento de capoeira, se, na escola, havia algum colega que praticava capoeira e se poderíamos vivenciar as seqüências apontadas na pesquisa.

Procurando estimulá-los, apresentei algumas possibilidades de vivenciar os movimentos da capoeira e sugeri que tentássemos fazer as seqüências que o Mestre propôs na década de 1930. Seguimos com essa proposta até o final da aula. Na roda de conversa, sugeri que refletissem sobre o nome dos movimentos, martelo, benção, arpão, armada, negativa, queixada, meia lua de frente, meia lua de compasso, aú, entre outros, vivenciamos como funcionava a escola de capoeira de Mestre Bimba, onde após as seqüências, os alunos jogavam ao som do berimbau para depois participarem da formatura recebendo seus lenços, o que se assemelharia as cordas e cordões utilizados hoje em dia, que seria mais bem abordado na capoeira contemporânea. Acredito terem sido os momentos mais importantes das aulas, pelas relações estabelecidas com a prática da capoeira e ao pensar como o praticante da modalidade as referências que as pessoas têm da capoeira.

Quando questionados sobre o que estavam experimentando, ouvimos as seguintes colocações: “Será que a queixada tem esse nome porque é um golpe que acerta o queixo?” “Com certeza e a meia lua de frente?” “A meia lua de compasso tem esse nome por parecer um compasso?” “Eu preciso fazer a estrelinha para os dois lados?” “Só consigo para um lado.” “O martelo lembra uma martelada mesmo, né?” “O golpe é pra pegar? E se pegar o que acontece?” “Na negativa eu posso derrubar?”

A partir desses posicionamentos, podemos perceber que os alunos estão muitas vezes presos à vivência motora. Esse foi o mote para a conversa sobre as práticas africanas, como a bassula, cabangula, ngolo (angola), Moringue (Moçambique), ladja (Martinica) que tinham movimentos semelhantes, mas que talvez não tinham os mesmos nomes, como pudemos encontrar nas pesquisas realizadas na internet sobre a origem da capoeira.

Quando abordamos alguns ritos na capoeira do Mestre Bimba foi possível perceber algumas representações dos alunos em relação à prática da capoeira a partir de

comentários como: “a capoeira é macumba?”, “por que usam os tambores e aquele negócio que bate com a madeirinha?”, “capoeira é dança e tem que dançar de branco”, por que? “por causa dos negros” pensei como seria possível realizar certas desconstruções de preconceitos, afinal a capoeira abordada em aulas de Educação Física de certa forma é um assunto recente. Começamos, abordando do batizado², onde o aluno novato recebe seu apelido e se insere naquele grupo, passando a ser chamado apenas pelo codinome. Foram estabelecidas algumas relações com o costume de apelidar os amigos em alguns grupos sociais. Ao comentar sobre os instrumentos, expliquei que o Mestre Bimba (adepto do Candomblé) retirou da capoeira o atabaque, por considerá-lo um instrumento sagrado. Os alunos demonstraram curiosidade a respeito das cores dos lenços³ e a relação com os orixás, mas como não sabia, perguntei se alguém na sala saberia responder, o que foi muito interessante visto que o Vinicius prontamente respondeu azul, Logum, amarelo, Oxum, vermelho, Ogum e branco, Oxalá, o que para alguns alunos me pareceu surpresa a pensar pela forma que ficaram olhando para ele. Posteriormente a afirmação o Lísias perguntou sobre as relações entre a religião e a capoeira. Preferi questioná-los o que eles pensavam sobre o assunto e questionei a atitude de Mestre Bimba, retirando o instrumento “sagrado” do candomblé da prática da “profana” da capoeira, ouvi um comentário estabelecendo uma relação interessante sobre o assunto “quem tem religião é a pessoa, burro, não o esporte, você num vê o Kaká, num tem nada a ver futebol num é de crente e ele joga”. Terminamos a vivência sobre a capoeira regional com um questionamento sobre as relações entre a capoeira e a religião, pedindo para que refletissem sobre o que nos levava a estabelecer essa relação e que buscássemos informações sobre a capoeira angola.

Dando prosseguimento ao projeto, abordamos a capoeira angola, passando por algumas vivências de movimentos e relacionando os instrumentos com o da capoeira regional do Mestre Bimba, conversamos sobre as semelhanças e diferenças, que antes dele, a capoeira era chamada simplesmente de capoeira, vadiação, etc., somente mais

² O Mestre Bimba idealizador da capoeira regional introduziu determinados ritos na prática da capoeira, entre eles o Batizado, que se tratava de apelidar os alunos novos na primeira vez que jogavam na roda de capoeira, jogo que acontecia com um de seus alunos formados, na academia de Mestre Bimba existia também a formatura, onde o aluno depois de um período de treinamentos recebia seu lenço, muito semelhante a prática da capoeira atual com os cordões e cordas rito que também recebe o nome de batizado.

³ Na academia de Mestre Bimba na formatura os alunos recebiam lenço representando seu grau de posicionamento no grupo social, azul (1º lenço – formado), amarelo (2º lenço – especializado), vermelho (3º lenço – especializado), branco (4º lenço) o lenço do “mestre”, visto que apenas o Mestre Bimba era considerado pela titulação na época e apenas poucos de seus alunos chegaram a esse nível no Centro de Cultura Física Regional (a academia de Mestre Bimba)

tarde, surgiram a capoeira regional e angola. Emergiram, também, comentários sobre as semelhanças dos movimentos, pois a turma afirmava não encontrar muitas diferenças entre a regional e a angola. Discutimos o assunto e chegamos à conclusão que ao observar o jogo, era possível notar ritmos mais lentos, toques nos instrumentos e nomes diferentes em alguns golpes. A curiosidade do grupo foi despertada por um dos vídeos que o Liasias assistiu no Youtube, o que se tratava da chamada⁴. Essa observação foi importante para estabelecermos a relação com a dança e, novamente, a religiosidade afro-brasileira. A continuidade da conversa possibilitou aos alunos descobrirem que na capoeira angola, a chamada se trata de um golpe, uma armadilha para enganar o jogador que muitas vezes não domina os fundamentos desse jogo de capoeira.

O Liasias trouxe o material de divulgação de um evento que ocorreria no centro de convenções de Barueri. Na roda de conversa, definimos que seria interessante se pudéssemos ir até lá e vivenciar esse momento, para relacionarmos com nossa prática das aulas, novamente pedi que fizessem uma pesquisa para compreendermos um pouco mais sobre a temática.

Na continuidade do projeto abordamos a capoeira contemporânea, comecei relatando as diferentes formas que essa tem se apresentado na sociedade, capoterapia, hidro-capoeira, aero-capoeira, capoeira-fit, perguntei se alguém conhecia alguma outra forma que a capoeira se apresentava, Um dos alunos, o Renato, afirmou ter visto um vídeo no “Youtube” sobre o Capoeira *Fight*, que se tratava de uma espécie de vale-tudo com golpes de capoeira. Então foi sugerido que todos acessassem o vídeo para que tentássemos vivenciar a modalidade a partir do referencial que já possuíamos, vivenciamos também alguns movimentos utilizados em aulas de capoeira nessa perspectiva que segundo a Camila se assemelhavam a ginástica localizada, Perguntei se não seria essa semelhança que teria levado a capoeira a tantas academias no final da década de 1980 e 1990? Como também fizemos algumas reflexões sobre a mercantilização dos produtos muito latente na capoeira contemporânea de que nas demais representações de capoeira que vivenciamos, como uniformes, cordas, CDs DVDs, VHS, revistas, etc, onde cada vez mais, além de divulgar a capoeira, geram de certa forma receitas para os grupos e associações de capoeira, sobre o atual tombamento como patrimônio imaterial da cultura brasileira, assim como o samba e o acarajé, o que

⁴ Momento no jogo de angola que ocorre uma parada momentânea para que quem chama o “adversário” se mantém em posição de ataque, tentando, parado, ludibriar o parceiro para que esse caia em sua armadilha e seja surpreendido por um golpe.

fez toda diferença para esses dois outros patrimônios, gerando risos de toda a classe. sugeri que ao final da aula fizéssemos o que caracterizava a capoeira pelo menos no meu ponto de vista, mas que ao final cada um deveria relatar suas impressões, fizemos uma roda utilizando um CD (um dos exemplos da globalização da modalidade) que eu trouxe para aula. Tentando relacionar com a proposta inicial do projeto questionei ao final da roda sobre a participação feminina, já que nas aulas a maior parte das meninas da sala participava e dos meninos ou ficava sentado ou ficavam rindo das meninas e dos poucos meninos que se aventuravam a realizar um aú, rolê, macaquinho e armadas⁵, como será que acontecia a participação feminina na prática da capoeira atualmente? Elaborei um roteiro de entrevista e entreguei para que no evento pudéssemos abordar os capoeiristas e se possível utilizássemos alguns recursos como gravação em MP3 ou filmagens em câmera digital (sugerido pelos alunos), acredito que falhei quando não construí coletivamente o roteiro, mas muitas vezes eles não o seguiram o que tornou no meu ponto de vista a vivência um pouco mais rica em informações. Expliquei alguns códigos dos eventos de capoeira que poderíamos tentar identificar, sugeri que não tentassem entrevistar os capoeiristas em momentos inoportunos e aproveitassem ao máximo o momento das entrevistas. Assistimos, então, ao documentário “Capoeira: no fio da navalha”, produzido pela ESPN Brasil em 1997, selecionado em função da sua excelente abordagem da temática. Solicitei aos alunos que estabelecessem relações ao que estudamos nas outras aulas, para que no final fizéssemos uma “mesa-redonda” sobre nossas conclusões, aproveitei para apresentar-lhes um trecho do documentário Capoeira em cena (TVE Bahia, 1982), onde apresentei a opinião de diversas mulheres sobre a participação feminina na capoeira e todo o pré-conceito gerado na época e que aos poucos estava sendo deixado de lado, pelo menos na visão delas. Ao final começamos com a pergunta: Como será hoje? Alguns meninos disseram que hoje as meninas têm o mesmo espaço, que jogam futebol até com eles. O Vinicius questionou por que alguns berimbaus são pintados e outros não. Comentei sobre o discurso do Mestre Bimba no DVD sobre a confecção do instrumento e perguntei o que ele achava. Na entrevista o Mestre Bimba afirma que o berimbau mesmo não pode ser colorido, visto que esse “os angola” faziam para enganar os turistas. Então o Vinicius disse que o Mestre Bimba achava o seu berimbau melhor de todos. Comentamos então sobre as relações de poder exercidas nos discursos dos mestres de capoeira, sempre afirmando que o grupo ao qual pertence é melhor, que sua capoeira é a melhor, que um grupo é

⁵ Movimentos e golpes característicos da capoeira.

melhor que o outro, estabelecendo as relações de conflito entre as práticas, angola/ regional, tradicional/ contemporâneo, transformando a prática da capoeira um campo de conflito de interesses, onde algumas vezes se utilizam de projetos pseudo-sociais para “demarcar” o território e aumentar os componentes de suas associações.

Então como combinado alguns alunos foram aos dois dias de evento de um grupo de capoeira em Barueri, no centro de convenções, onde foram apresentadas, danças folclóricas e ocorreu o batizado de capoeira, estavam capoeirista de diversos Estados. Entre eles um contramestre de Goiânia, responsável pelo grupo em São Paulo, visto que o mestre do grupo atua em New Jersey, Estados Unidos. Após a realização do evento foram realizadas as entrevistas e o material seria apresentado em aula posteriormente.

Os alunos mais comprometidos com o projeto se deslocaram até a roda de capoeira promovida um dia antes do batizado, na qual não estive presente, onde afirmaram ser possível estabelecer relações com as reflexões das aulas, observando a participação feminina e como foi o caso relatado da violência sem sentido muitas vezes ocasionadas por um golpe que aparentemente sem a intenção de atingir um dos capoeiristas acabava gerando a vias de fato, encerrada sempre com a intervenção do mestre(ou responsável pela roda) que orientava para que o ocorrido não se repetisse.

No batizado no qual me comprometi em acompanha-los e ajudar na aproximação para as entrevistas com os capoeiristas, onde em muitas vezes saíram do roteiro solicitado demonstrando a ampliação das possibilidades de aprendizagem a partir do saber popular, construindo diferentes possibilidades de reflexões a partir da realidade da capoeira e da escola.

Ao apresentarem as entrevistas aos colegas, podemos acompanhar a partir das questões sugeridas no roteiro de entrevista: Fale sobre a capoeira na atualidade, dê a opinião sobre a presença feminina e fale o nome das mestras de capoeira que você conhece, fale sobre como você vê a abordagem da capoeira na mídia e o que é a capoeira pra o entrevistado levou a alguns apontamentos, de uma forma geral foi falado sobre as transformações sociais da capoeira desde sua origem e sobre a maior difusão da capoeira conhecida como contemporânea sem que a regional ou a angola se caísse no esquecimento. Foi enfatizado sobre a presença feminina, que além da capoeira em outros espaços tem se dado de forma mais ampla, sendo fundamental segundo alguns entrevistados para seu crescimento. Em relação à mídia disseram que muito ainda deve ser feito, visto que no exterior é mais difundida e aqui no Brasil só acontece quando

alguém famoso está participando ou apresentam massificadas deixando de lado alguns valores essenciais. Pensando no que é a capoeira para os entrevistados encontraram como resposta, ser uma luta, dança, esporte, lazer, instrumento para educação, , malandragem, fonte de renda, cultura folclore, fonte de energia, estilo de vida, um complemento da vida, o que fazemos dela, ou como disse um dos entrevistados “é a minha vida”.

Por fim trouxe um documentário apresentado pela Tv Cultura de São Paulo, que achei ser válido pelas informações sobre a transição da capoeira do Brasil para o mundo e suas idas e vindas (Mandinga em Manhattan, docTV, 2007), onde relacionamos a tudo o que foi comentado nas aulas e puderam identificar a participação feminina, as relações de mercantilização de produtos relacionados a prática cultural da capoeira e as relações exercidas através da esportivização em campeonatos internos de grupos e associações que tentam ampliar o número de praticantes a partir de preceitos do marketing.

Como conclusão do projeto foi solicitada uma atividade onde os alunos deveriam em grupos organizar um texto onde todos os elementos estudados durante o projeto deveriam figurar as vertentes da capoeira (Regional, Angola e Contemporânea), as entrevistas com os capoeiristas, as representações das pessoas sobre a capoeira e por fim as conclusões sobre a prática estudada, atribuíríamos um conceito pela atividade, mas ressaltei a importância de analisarmos diferentes pontos de vistas sobre um assunto e tentarmos entender o que levariam a essas conclusões, onde o material também me serviria como avaliação sobre a realização do projeto.

Encontramos no material levantado pela turma algumas relações importantes que transcrevo na íntegra abaixo:

“Obrigado professor por nos fazer se deparar com uma diversidade e realidade ao mesmo tempo tão longe e tão perto de nós. A experiência foi válida e até divertida, em todos os aspectos, muito rica e esclarecedora a cerca de nossa própria cultura. Foi um trabalho envolvido como poucos, aprendemos muito e gostamos de mais”

“Ao longo dos anos a capoeira vem se modificando e se atualizando a cada dia. Antigamente por exemplo a presença feminina nas rodas era quase inexistente, e, no entanto hoje a mulher ganhou espaço nessa prática temos como exemplo várias mestras que estão dando aulas. No entanto com toda essa evolução na capoeira algumas pessoas ainda alimentam um conceito ruim dessa prática. Pessoas de todo tipo de classe social dividem opiniões a respeito dessa prática que tanto conquista o mundo, uns dizem ser um jogo, uma brincadeira, enquanto outros afirmam ser uma luta. A capoeira sempre será um enigma respeito do seu significado. Mas o que se pode afirmar que não deixa de

ser uma arte cultural, e independente de opiniões acreditamos que a capoeira deve e tem o direito de ser respeitada como patrimônio da nossa cultura, pois ao longo de anos ela vem nos encantando com sua malandragem, estilo “largado” e sem reservas. Falar sobre capoeira é um assunto muito polemico, pois as opiniões se diferem completamente uma das outras fazendo com que muitas vezes haja convergências entre elas. Mas independente de opiniões a capoeira é uma dança, uma luta, devemos respeitar tal cultura afinal é uma das culturas mais antigas do país.”

“O esporte Capoeira para nosso grupo é uma mistura de luta com dança além de ser uma cultura Brasileira através dos escravos do nosso país, que na nossa opinião deveria se tornar um esporte olímpico, por ser um esporte muito interessante uma verdade mistura de musica ,dança, luta. Que achamos um esporte nada violento e não prejudica quem pratica. Enfim ela é uma verdadeira arte corporal.”

A capoeira se estabeleceu durante as aulas com uma prática que pode vir a contribuir com uma perspectiva democrática da Educação Física, onde o saber popular e a resistência dos grupos culturais corroboram com as reflexões sugeridas nas aulas. Pudemos encontrar em todo o período do projeto as relações de gênero, classe, religião, ampliando o olhar sobre a prática social. Algumas representações foram construídas, reconstruídas e em muitos momentos transformadas devido à complexidade dos assuntos abordados.

O projeto em si não se dá por encerrado, entendo este como uma contribuição nas aulas de Educação Física do Ensino Médio, a partir da tematização de uma manifestação cultural significativa por sua origem e preceitos se distanciarem de uma prática monocultural e etnocêntrica, onde acreditamos que a maior contribuição esteja na ampliação do capital cultural dos alunos a partir das diferentes vivências propostas a partir da mediação do professor.